

A HISTÓRIA DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS PERÍODO DE 1920 –1945

Autor: Adão Alves Brandão.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali.

Prof. Maria José Acedo Del Olmo.

Universidade do Vale do Paraíba, IP&D Laboratório de História – Curso de História, e-mail:
aabrandao@bol.com.br Rua Shishima Hifume n. 2911 – Urbanova – S.J. Campos – SP.

Universidade do Vale do Paraíba, IP&D Laboratório de História – Curso de História, e-mail: Rua Shishima
Hifume n. 2911 - Urbanova - S.J. Campos – SP.

Universidade do Vale do Paraíba, IP&D Laboratório de História – Curso de História, e-mail:, Rua Shishima
Hifume n. 2911 – Urbanova - S.J. Campos – SP.
papali@univap.com.br olmo@univap.com.br

Resumo: Neste trabalho procuramos realizar um estudo de levantamento do histórico e origem do abastecimento de água potável de São José dos Campos entre o período de 1920 a 1945; desvendando o processo de estruturação do projeto e suas implicações, necessidades e conseqüências. Assim como a participação da população e as respostas do setor administrativo municipal e estadual. Enfocando também a importância da relevância da água potável para o planeta que se encontra, em pauta das preocupações mundiais diante de uma eminente escassez.

Palavras-chave: água – necessidade - abastecimento.

Área de Conhecimento: História

Introdução.

Buscamos de modo sucinto a regularização do abastecimento de água. Este passa por várias fases com uma certa lentidão até que entre 1920 a 1950 a cidade passou por grandes transformações, entre as quais a implantação da iluminação elétrica, a chegada da Estrada de Ferro, e como grande marco; a inauguração da Estação de Tratamento de Água e Rede de Esgoto no município. Nosso assunto chave.

Apresentamos o trabalho da Câmara Joseense dentro deste contexto, com suas manobras e interesses; o papel da população neste momento histórico; as medidas tomadas pela administração pública mediante as preocupações do uso irregular e abusivo da água, no sentido de contenção; as questões sanitárias e por último uma explanação dentro de um tema tão polemico envolvendo a sobrevivência do nosso Planeta: A preocupação com a escassez da água potável.

Materiais e Métodos.

O presente trabalho foi estruturado através da análise de fontes primárias e secundárias. Como fonte primária foram utilizados as Atas da Câmara Municipal e do Jornal o Correio Joseense, com o apoio de uma bibliografia variada, Arquivo Público do Município de São José dos Campos e para

subsidiar a discussão foi feito uso do trabalho de graduação de (SOUSA – 2005 – pág. 6), (MONTEIRO – 1922 – pág. 246).

Discussão

Nossa proposta na formulação do presente trabalho é buscar o esclarecimento dos fatos históricos ocorridos durante o período de 1920 a 1945, focando o sistema de abastecimento e distribuição de água potável em São José dos Campos, à população urbana.

Este processo apresentou muitas dificuldades e se deu de maneira conturbada devido aos entraves de ordem política, social e econômica. Durante o levantamento dos dados para a execução do trabalho, vestígios revelam que a negligência do poder público naquela época, já era eminente para a população, pois mesmo após a inauguração de uma Estação de Tratamento de Água e Esgoto em 1909, o serviço não era adequado ao atendimento da população local.

Para um melhor entendimento, reunimos documentos apresentando-os em sua íntegra o conteúdo de todo o processo e a dinâmica do seu desenrolar, assim como documentações apresentando breve histórico sobre o assunto. Estes documentos históricos são publicações em órgãos de comunicações: jornais, atas de reuniões da Câmara Municipal e os demais são manuscritos ricos em informações e detalhes iluminadores,

sendo vasto subsídio para pesquisas; partindo da fundação do mesmo município.

O município passa por várias fases, a saber, um período em que a atividade econômica se baseia numa agricultura diversificada; a partir dos anos de 1920, tem início a fase sanatorial e uma terceira etapa de meados dos anos de 1950 em diante correspondendo à industrialização.

O período observado neste estudo é o da fase sanatorial, até porque a construção de uma cidade higiênica e higienizada era o que as autoridades municipais buscavam neste contexto.

A cidade contava com iluminação elétrica desde 1920, em 1897 a Estrada de Ferro Central do Brasil, conecta a mesma ao eixo Rio-São Paulo e, em 1940 é inaugurada a Estação de Tratamento de Água e Esgoto no município.

Entretanto, e por contraditório que possa parecer a Cota pela captação e tratamento de água encanada não foi fácil. O presente trabalho procura focar o papel da Câmara Municipal na questão em tela, bem como a discussão, oposição e entravamento levantado pela população através de cartas e artigos publicados no jornal Correio Joseense.

Para a concretização do ideário modernizador, ligado ao caráter higienista e sanitário, eram importantes medidas que exigiam a “limpeza” do espaço urbano. Para essa limpeza, não se podia contar muito com a ajuda da água, que deixava por longo período a cidade na mais completa seca. Para assegurar o projeto sanatorial, o problema de abastecimento de água deveria ser sanado. A história da água em São José dos Campos passou por caminhos tortuosos. Tudo começou com o inacabado e deficiente serviço de abastecimento de água inaugurado em 1909, que captava as elevadas águas da Boa Vista para o centro da cidade. Em 1933 chegou-se a conclusão que a água do manancial da Boa Vista, era de péssima qualidade e no exame bacteriológico feito pelo Laboratório da Repartição das Águas e Esgotos acusou a presença de 10.000 Colis (bacilos) por centímetros cúbicos, o que a colocou entre as águas de má qualidade e que há muito tempo deveria ter sido considerada imprópria para o consumo humano, pelas autoridades sanitárias. Além disso, o sistema não dava conta de abastecer uma população que crescia vertiginosamente e o sistema de abastecimento vivia com problema de interrompimento devido aos desabamentos de morros que entupiam os canos condutores. (C. JOSEENSE, 1933).

A água foi um dos elementos que compuseram um grupo de melhoramentos desejados para a cidade. “Os registros nas atas da Câmara Municipal no período em questão, costumemente se reportavam às questões relativas à construção de uma caixa d’água ou então, ao próprio fornecimento de água, que traria

maior conforto oferecido além de ser um item de suma importância para a higiene e limpeza para a população, das propriedades privadas e dos lugares públicos. O fornecimento e o encanamento de água foram temas que renderam muitas discussões na Câmara Municipal e nos Jornais da cidade”.

A Câmara Municipal de São José dos Campos recebia durante os anos do século XX diversos requerimentos que tratavam das questões relacionadas com a falta d’água na cidade. A exemplo dessas solicitações, pode-se citar o registro do requerimento de:

“Alziro Lebrão, negociante estabelecido nesta praça, pedindo licença para adicionar ao seu ramo comercial, o encanamento d’água as casas particulares”. (ATA, 17/04/1909).

Apesar dos problemas enfrentados, as águas da Boa Vista abasteceram a população joseense, até 1937, quando a municipalidade, através da ajuda do governo do estado, começa a se preocupar com a salubridade da água e novas formas de abastecimento à cidade, em decorrência do título que a cidade recebeu de Estância Climática. Neste momento, as águas da Boa Vista foram condenadas pela Repartição das Águas e Esgotos e também pelos médicos. Pensa-se em captar as águas do Rio Paraíba, tratá-la com cloro, decantá-la e filtrá-la. Esse projeto cria uma animosidade da população que recusa as águas do rio por prover de um rio poluído por esgotos proveniente de outras cidades.

Num verdadeiro impasse, os órgãos competentes compravam brigas com a população, por estas desenvolverem “um fetichismo pelas águas de fontes puríssimas”. Na visão dos especialistas era um erro abandonar águas próximas de tratamento fácil para buscar a custa de sacrifícios enormes, águas altas, de cabeceiras, águas de regimes incertos e quase sempre insuficientes só pela esperança vã e sem fundamento de que sejam mais puras que as outras. (C. JOSEENSE, 09/01/1938).

Enquanto os serviços não eram concluídos, a população ia consumindo a água do Rio Paraíba “com todas as suas impurezas e aspectos repugnantes”. A prefeitura defendia que a água fosse retirada do Rio Paraíba, mas em um ponto mais distanciado e livre da boca do esgoto, procurando desviar para os lados dos Pinheiros às instalações para a captação da água, por ser ali o precioso líquido mais puro, e livre de infiltrações a que está sujeita a margem do Rio Paraíba na sua parte baixa, na margem que circunda Santana. (C. JOSEENSE, 06/03/1938).

De acordo com o Correio Joseense, edição nº 225, tiveram ocasiões de salientar em suas colunas, as necessidades de providências relativas a remoção dos embarços que estavam impossibilitando o fornecimento de água para todos os prédios da cidade, embarços estes, que

tinham como origens diversas causas, que já foram apresentadas em outras ocasiões, gerando motivos de reclamações muito justas e procedentes, que precisavam ser atendidas. Uma das providências que foi tomada acertadamente foi à instalação dos hidrômetros em todos os prédios, o que veio a coibir o abuso e o desperdício do precioso elemento vital, onde naturalmente os consumidores, começaram a ter mais cuidado com o consumo.

Estudando os meios de conseguir a realização de tão importante serviço, o Sr. Prefeito Municipal incumbiu o reconhecido Dr. Hércules Campagnoli, de apresentar um projeto. Dos estudos preliminares a que se entregou esse distrito, a solução preferível foi a do aproveitamento das águas do Serimbura, sendo necessária à construção de uma linha de 7 a 8 quilômetros de extensão e capacidade de fornecer na época de estiagem o poderoso volume de 4.000.000 de litros em 24 horas.

Mas infelizmente por questões política este projeto não foi concretizado. Mesmo possuindo verba reservada graças à venda do Campo dos Alemães, a reposta dos vereadores a população era que o Prefeito Dr. João Cursino não autorizou.

Com o passar do tempo foi implantado duas fontes de abastecimento d'água à cidade: a que deriva da antiga instalação e da do Rio Paraíba.

Evidentemente, a população não está contente com a água do Rio Paraíba, em virtude do seu aspecto, muito embora a análise feita, ateste a sua superioridade em contraponto com a água captada no alto da serra e que até então vinha servindo, embora com grande deficiência.

Em estudos feitos na gestão do Coronel João Cursino, o engenheiro Campagnoli, teve ocasião de levantar uma planta, que por sinal deve estar arquivada na Prefeitura, estabelecendo como única solução do problema da falta d'água, o aproveitamento da água do Rio Paraíba, serviço orçado em 75:000\$000. (Correio Joseense).

Em favor do aproveitamento da água do Rio Paraíba, ainda temos a palavra insuspeita do engenheiro Dr. Arthur de Motta, diretor da repartição de águas e esgotos de São Paulo e tantos outros profissionais competentes.

Em reunião conjunta com os médicos; Dr. Ivan de Souza Lopes, I. B.S. Soares, Ruy Dória e José Rosemberg, e de acordo com as sugestões por estes apresentadas, ficou assentada a convivência de se promover com a máxima urgência a cloração da água do Paraíba que está sendo aproveitada, em caráter de emergência, para o consumo público.

São José atravessou um período de crise de abastecimento de água e buscou a solução através do Rio Paraíba. A água é um recurso

indispensável, sem a qual não haveria vida na terra.

Sabemos hoje que a água potável é um bem esgotável, e depende da nossa consciência para que seja preservada em seu estado natural. É um bem valioso que constitui a sobrevivência de todos os seres vivos.

Conclusão.

A população passou por momentos de extremas dificuldades até que fosse executado um fornecimento eficiente e ágil de abastecimento de água na cidade.

Em função de jogos políticos, interesses e vaidades dos representantes do povo desprovidos de vontade política, para tentar resolver o grave problema de abastecimento que se implantou a população se mobiliza. Acrescido a este problema, houve um período de seca, uma mudança climática agravando ainda mais a situação. Tudo parte com o inacabado e deficiente serviço de abastecimento de água inaugurado em 1909, que captava as elevadas águas da Boa Vista, para o centro da cidade; concluindo-se anos após que a água deste manancial era de péssima qualidade e imprópria ao consumo humano segundo as autoridades sanitárias além de não ser suficiente em volume.

Outras alternativas se fazem necessária e a água do Rio Paraíba vem como proposta viável, mesmo sob protesto da população por se tratar de um rio poluído que recebe os dejetos das outras cidades do Vale, mas, que mediante tratamento é mais eficiente do que se buscar águas alta de cabeceiras com regimes incertos e insuficientes para suprir a demanda populacional em ascendência.

Observamos que quando os interesses particulares por parte de representações administrativas, falam mais alto, não estando em consonância com os anseios e necessidades do povo que lhes deram voz, o todo tende a perder, comprometendo o desenvolvimento e o progresso da municipalidade, do estado, do país, de uma nação.

No tocante a questão da água, deste líquido imprescindível à humanidade, que é a própria Vida do planeta e do homem e por se tratar de um bem esgotável, a consciência crítica deve ser desenvolvida no sentido de saber usar e preservar.

Agradecimentos.

Agradecemos ao PIBIC, a FAPESP, pelo apoio concedido na realização das pesquisas e aos nossos professores pelo incentivo e desprendimento na elaboração deste.

Referências:

Fonte Primária:

Atas do CORREIO JOSEENSE – Edições: nº 011, 015, 030, 050, 058, 071, 072, 074, 104, 106, 189, 190, 251, 255, 278, 302, 307, 332, 333, 397, 711, 712, 726, 754, 760, 762, 763, 849, 858, 877, 884 e 890.

Fontes Secundárias:

[1] MONTEIRO Napoleão. Almanaque de São José dos Campos, 1922.

[2] PROJETO HISTORIA: Revista do Programa Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 0(1981)-.- São Paulo: EDUC, 1981 Editora da PUC-SP.

[3] SANTOS, Pereira dos São José dos Campos – Arquitetura Industrial, SP: A. P. Santos, 2006.

[4] SOUZA, Maria Conceição Moreira de. A História do Abastecimento de Água em São José dos Campos – (1920 – 1945) Univap 2005.

[5] ÚLTIMA HORA, O Vespertino Líder de São Paulo, Informa, Defende, Combate , Constrói.